

## O OLHAR PARA A CIDADE:

### A apreensão da forma urbana sob aspectos históricos e estéticos

#### INTRODUÇÃO

A cidade tradicional, vista por teóricos de cunho progressista como caos e desordem, pode ser enxergada como efígie de progresso e beleza, sob o ângulo de historiadores como Camillo Sitte (1843 – 1903) e Saverio Muratori (1910 – 1973), a partir de aspectos utilizados em seus discursos, compreendidos, respectivamente, como valores históricos e estéticos.

Para entendimento das concepções de cada autor, emerge a necessidade de expor o contexto em que essas se apresentam e a razão da existência delas segundo os problemas urbanos que eles vivenciavam. Este artigo tem o objetivo de contribuir no conhecimento das variadas formas de como se observa a cidade, como um estímulo para a prática de um olhar que contemple aspectos técnicos sem negligenciar a sensibilidade e a história.

#### A CIDADE SOB VALORES ESTÉTICOS E HISTÓRICOS

Contrário à rigidez retilínea e matemática aplicada na cidade em meados do século XIX segundo planos urbanísticos baseados em conceitos modernistas, o arquiteto e urbanista austríaco Camillo Sitte propõe melhorias para o ambiente urbano sob outra ordem de apreensão, de acordo com valores estéticos e artísticos. Nessa perspectiva, Sitte afirma:

Uma cidade deve ser construída para tornar o homem ao mesmo tempo seguro e feliz. Para que esta última se efetive, a construção urbana não deveria ser apenas uma questão técnica, mas também artística, em seu sentido mais próprio e elevado. (SITTE, 1992, p.14)

Como objeto de análise na cidade, Sitte considera em seus estudos as relações entre as praças, os monumentos e os edifícios próximos a elas; a relação entre fachadas dos edifícios e dimensões das quadras; o tamanho e a formas das praças; as ruas e a sucessão visual por elas proporcionadas, aproximando a escala de visualização ao cidadão comum, com uso de perspectivas, a partir de fragmentos de um vasto tecido urbano.

Sobre a citada dimensão da praça, o arquiteto apresenta a relação entre praça e edifício, ao “identificar duas categorias de praça: as de largura e as de profundidade” (SITTE, 1992, p.55), na qual a localização e o olhar do observador se fazem guias para seus conceitos. Essa relação dá-se por meio da dimensão entre a fachada do edifício principal e a praça, ou praças, que o circundam.

Assim, as praças de igreja e as de prefeitura deveriam ser consideradas, respectivamente, praças de profundidade e praças de largura, um fator a ser levado em conta na disposição de monumentos, estátuas etc. (SITTE, 1992, p.55).

Ao tomar as ruas como objeto de análise, Sitte apresenta-se desfavorável à configuração proposta pela modernidade, na qual essas devem ser ampliadas em dimensão e número. Sua opinião sobre o efeito estético-sensitivo é a de que esse deveria ser agradável ao cidadão e só pode ser obtido por meio da sinuosidade e da organicidade do traçado urbano. Para Sitte (1992, p.48), deveria desembocar apenas uma única rua em cada ângulo de uma praça, e, caso houvesse uma rua perpendicular, essa desembocaria na primeira, na qual a praça já não poderia ser vista. Essas ruas não deveriam ser largas, pois, sob o ponto de vista dos propósitos artísticos, diminuiriam a naturalidade do espaço, aspecto de interesse estético que reforça o “caráter pinturesco do conjunto” (SITTE, 1992, p.63). De acordo com Choay (2005, p.292), as análises e propostas de Sitte são possíveis apenas quando o autor pode

Muratori tem ênfase nas “tradições históricas dos elementos vernaculares das cidades italianas e sua relação com a forma urbana” (MURATORI, 1959 apud COSTA; NETTO, 2015, p. 35).

Muratori assim como Sitte, baseia-se no princípio que “considera a noção de conjunto, em detrimento da preservação do edifício isolado” (COSTA; NETTO, 2015, p. 141), mas como objeto de análise o primeiro considera o “tipo”, como um modelo disponibilizado pela herança cultural, que pode ser percebido em qualquer objeto produzido pelo homem. Na análise primária muratoriana, o tipo refere-se à edificação ou à sua reprodução física - o tipo básico - e, dessa maneira, demonstra a ponte entre o organismo humano, na relação do tipo como uma estrutura celular capaz de sofrer mutações, ao longo do tempo, passando a constituir o processo tipo-morfológico (COSTA; NETTO, 2015).

Percebe-se que, para Muratori, é necessário o precedente entendimento da formação da cidade, para posterior intervenção projetual, para que não ocorra a “descaracterização da paisagem urbana cultural e contradições entre gestão e administração dessa paisagem” (COSTA; NETTO, 2015, p. 212).

Para Sitte, a intervenção é feita a partir de um plano de extensão, no qual o projetista pode prever o número de obras públicas, bem como suas dimensões e formas, para que não sejam dispersas por toda parte. A concepção projetual, de forma intuitiva e artística - como dos mestres antigos -, faria o caráter peculiar de cada espaço ser respeitado (SITTE, 1992).

## CONCLUSÃO

Entre as concepções de Sitte e Muratori analisadas, percebe-se a concordância na análise da forma urbana quanto à observação das dimensões e forma dos lotes em relação aos edifícios e espaços vazios, a configuração e implantação das ruas e a análise dos aspectos históricos e geográficos para as propostas urbanísticas, que se relacionam

Definir as estruturas específicas que conferem a uma paisagem construída tridimensional suas qualidades visuais e sinestésica. A diacronia é a dimensão obrigatória da análise: somente comparando sistematicamente conjuntos urbanos de épocas diferentes é que será possível fazer surgir constantes e variáveis.

A partir desse aspecto primordial na análise percebe-se a sincronia entre conceitos expressados nos estudos da forma urbana no século XX, doravante aspectos observados na Itália, em consonância com Sitte: os estudos formulados por Saverio Muratori sobre Morfologia Urbana, nos quais se apreende que os “processos culturais e históricos produzem diversificações diacrônicas e diatópicas, sendo as primeiras modificações que ocorrem num tipo básico”, quando situado numa mesma área cultural a partir do decurso de um período de tempo (COSTA; NETTO, 2015, p. 159).

A forma de visualização da cidade segundo o arquiteto e urbanista italiano

aos estudos de Morfologia Urbana. Percebe-se, ainda, a contrariedade dos autores a conceitos modernistas, exceto às conquistas alcançadas pela construção urbana moderna quanto à condição sanitária das cidades europeias.

O olhar para a cidade não se abrevia em conceitos técnicos, e a possibilidade de propostas intervencionais que caracterizam a cidade sob o ângulo de sua tradicionalidade, em aspectos que sugerem efeitos emocionais ao cidadão e não renegam a bagagem histórica impregnada em cada forma urbana.



## REFERÊNCIAS

CHOAY, Françoise. Camillo Sitte. In: \_\_\_\_\_. O Urbanismo: utopias e realidades uma antologia. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

COSTA, S. de A. P.; NETTO, M. M. G. Fundamentos de Morfologia Urbana. Belo Horizonte: C/ Arte, 2015. 236 p.

SITTE, C. A construção das cidades segundo seus princípios artísticos. Organização e Apresentação de Carlos Roberto Monteiro de Andrade, tradução de Ricardo Ferreira Henrique, São Paulo: editora Ática, 1992.